

Rostos femininos nas migrações internacionais: mulheres brasileiras no Sul da Flórida

*Valéria Barbosa Magalhães**
*José Renato de Campos Araújo***

Introdução

Neste texto, pretendemos discutir aspectos da realidade das mulheres brasileiras no Sul da Flórida que são reveladores da heterogeneidade brasileira no exterior. Argumentaremos que o caso de nossa emigração é sugestivo de uma situação de diversidade e não de uma condição de homogeneidade dos brasileiros nos Estados Unidos.

Este artigo está baseado em dados de ampla pesquisa realizada por Valéria Magalhães, feita em dois momentos: de 2002 a 2006 e de 2013 a 2016¹. Nos dois projetos, foram utilizadas fontes diversas, entre elas: 58 entrevistas temáticas de história de vida, 65 questionários abertos (aplicados em 204 e 2015), documentos fornecidos por associações de brasileiros no Sul da Flórida e notícias de mídia sobre imigração brasileira na região. O artigo dará ênfase ao conteúdo das entrevistas com mulheres e fará referência a outros dados, tais como matérias de jornais e revistas e entrevistas com agentes consulares.

O Contexto dos Brasileiros no Exterior

Desde meados da década de 1990, as Ciências Sociais brasileiras elegeram os grupos de brasileiros fixados no exterior como um de seus objetos de estudo², sendo eles considerados um fenômeno relevante para o entendimento da realidade brasileira naquele contexto (MARGOLIS, 1994; SALES, 1999a e 1999b).

Sem dúvida, naquele momento da década de 1990, no mínimo era curioso olhar para os processos que constituiriam tais grupos em terras estrangeiras.

* *Docente da EACH/USP nos cursos de graduação e de Pós Graduação em Estudos Culturais/USP. Coordenadora do Núcleo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória/USP.*

** *Docente da EACH/USP, nos cursos de graduação de Gestão de Políticas Públicas e do Programa de Pós Graduação em Estudos Culturais. Coordenador do Observatório Interdisciplinar de Políticas Públicas (OIPP/USP).*

Afinal, o Brasil sempre foi compreendido como um país que, desde o século XIX, fora intensamente marcado pela chegada de trabalhadores estrangeiros que interagiriam diretamente com o desenvolvimento nacional presente em nossa história do século XX.

O Brasil, grosso modo, até ao menos a Segunda Guerra Mundial, era ainda uma nação estruturada no tripé clássico da sociedade colonial latino-americana: latifúndio, agro exportação e uso intensivo de mão de obra agrícola. Podemos até dizer, como foi fartamente demonstrado pela bibliografia sobre introdução do trabalho livre no Brasil³, que seriam os imigrantes internacionais (em sua maioria advindos da Europa) a base para a formação de nossa sociedade industrial. Além de terem sido mão de obra para a nascente indústria, eles foram, nas primeiras décadas do século XX, a estrutura para a produção de excedentes econômicos agrícolas que financiariam o processo de industrialização brasileiro, que só estaria minimamente alicerçado a partir da década de 1960⁴.

Assim, a farta bibliografia produzida no Brasil, até os anos 1990, sobre migrações internacionais sempre pensava o Brasil como um país receptor de trabalhadores estrangeiros. Uma parte dela até mesmo naturalizava, dadas as características nacionais, sermos um país “essencialmente” receptor de fluxos migratórios internacionais⁵. Essa imagem de certa maneira ainda permeia visões sobre o Brasil, tanto aquelas nascidas no senso comum, quanto aquelas presentes no discurso de interlocutores especializados em reflexões sobre deslocamentos populacionais internacionais, como por exemplo, a grande imprensa e até mesmo parte da burocracia do Estado brasileiro⁶, que trabalha diretamente com tais fenômenos⁷.

Foi somente na década de 1990, com trabalhos como de Neide Patarra (1995) sobre demografia brasileira; de Teresa Sales (1999) e Bela Feldman Bianco (1992), sobre brasileiros nos Estados Unidos e em Portugal; e de Helena Hirata (1994), sobre Sociologia do Trabalho no Japão⁸; que a academia brasileira começou, de certa forma, a apontar a existência de um fenômeno migratório até então novo na sociedade brasileira: a saída de brasileiros para o exterior. Processos sociais que até aquele momento pareciam inexistir, ou ao menos serem invisíveis, passaram a se constituir em objeto de pesquisa para pesquisadores das migrações, que antes estudavam os movimentos migratórios da segunda metade do século XX no mundo, momento em que houve inversão dos fluxos migratórios Norte-Sul para Sul-Norte.

Com essa mudança de perspectiva nas ciências sociais brasileiras, podemos dizer que houve certa renovação dos estudos migratórios no país, entre a década de 1990 do século XX e a primeira década do século XXI, pois além da emergência de um novo objeto vimos um renovar das interpretações sobre os tradicionais processos históricos das migrações internacionais que aqui se fixaram. A esse respeito, merecem destaque, sem dúvida, os trabalhos de Giralda Seyferth (1982, 1994, 1999 e 2000). Neles, a ideia de assimilação, norteadora de boa parte da tradição analítica brasileira, foi relativizada. Isto se deu pela introdução de outros conceitos presentes na bibliografia internacional, no mesmo período, mas que

ainda não haviam adentrado as interpretações para nossos fluxos migratórios, como foi o caso da concepção de etnicidade⁹.

Temas novos também emergiram, tais como a relação entre gênero e movimentos migratórios (consequência daquilo que alguns autores denominaram de “feminização da migração”)¹⁰ e as redes de imigrantes, assuntos estes que foram inspirados principalmente nos estudos internacionais sobre imigrações e em vertentes pós-estruturalistas.

Portanto, estamos hoje caudatários dessa “nova” tradição dos estudos migratórios brasileiros, nos quais os temas constituídos em torno dos conterrâneos no exterior - tais como os processos de construção identitária (seja no Brasil, por comunidades estrangeiras, ou no seio das comunidades brasileiras no exterior), a etnicidade, o transnacionalismo e a desterritorialização, entre outros - são largamente utilizados em nossa produção bibliográfica contemporânea¹¹.

Por outro lado, há ainda um caminho a ser percorrido, principalmente se pensarmos nas experiências subjetivas das diásporas brasileiras espalhadas pelo mundo, bem como na enorme diversidade de vivências que elas abrigam. Seria reducionista tratarmos os diversos grupos de brasileiros, nos mais diversos continentes, como um fenômeno homogêneo a ser entendido única e exclusivamente através de instrumentais analíticos econômicos e estruturais, nos quais alguns autores se baseiam¹².

Na última década, assistimos, por um lado, à entrada de migrantes com origens diversificadas daquelas que tradicionalmente adentraram o nosso território, como os haitianos e uma miríade de nacionalidades africanas – fluxos que se adensam, se pensados em conjunto com latino-americanos que eram realidade no mosaico migratório brasileiro, desde ao menos a década de 1990 do século XX. E, por outro lado, começamos a assistir a algum movimento de retorno de brasileiros fixados no exterior, no bojo da crise econômica nos países centrais do modo de produção capitalista, especialmente a partir de 2008. Esses deslocamentos não se completaram ainda ou têm algum refluxo nos últimos dois anos, desde 2014, com o emperramento do crescimento econômico brasileiro. Ao mesmo tempo, brasileiros com condições sociais razoavelmente privilegiadas e descontentes com o Governo Dilma e com o Brasil alegam a necessidade de se mudarem para outros países, com especial preferência pela Flórida, nos Estados Unidos¹³.

O Contexto Brasileiro Recente no Sul da Flórida

Para a entrevistada Denise¹⁴, que coordena uma importante associação de brasileiros na Flórida, a crise econômica do Governo Dilma fez com que brasileiros de classe média se mudassem para os Estados Unidos:

E eles vêm pela segurança, vêm com medo do que vai acontecer no Brasil com a reeleição da Dilma. É porque piora muito, piorou demais, deteriorou. Agora tá uma coisa

ridícula. Eu acho esses recém-chegados muito novos. Eles procuram fazer uma rede entre eles ali, entre as moças jovens que chegaram, acho que eles nem percebem que tem uma comunidade brasileira aqui, não vejo isso.

Os recém-chegados mencionados por Denise são pessoas com condição social privilegiada no Brasil e que investem dinheiro próprio em negócios na Flórida para obterem vistos de investidores nos Estados Unidos (visto EB-5) e imigrarem com suas famílias. Há, atualmente, escritórios de advocacia na Flórida que oferecem apoio específico aos brasileiros que têm intenção de imigrar por essa via¹⁵. Esses sujeitos, entretanto, preferem se identificar como “expatriados” e não como imigrantes.

Em entrevista a Valéria Magalhães, em 2015, Alice¹⁶ identificou parte dos brasileiros recém-chegados em Miami como “expatriados” ou “refugiados”, evitando a classificação “imigrante”. A explicação é que eles estariam fugindo das dificuldades político-econômicas e da falta de segurança no Brasil:

Têm muitos que já foram sequestrados, assaltados e aí têm filhos e querem dar oportunidade para terem um inglês fluente, espanhol fluente. Fazem altos investimentos, sabe? Eu acho que eles procuram isso hoje aqui no sul. Muitas pessoas vieram com os maridos expatriados, tem muitas mulheres também que o marido veio expatriado. (...) Eu acho ridículo a gente estar no Brasil e dar graças a Deus que roubaram só a televisão da sua casa. Ou, sabe? “Graças à Deus que o cara levou só um tiro na perna e não foi na cabeça”, sabe? Acho que o Brasil tá indo cada vez pra trás. A gente vive hoje em Miami, que é um lugar de refugiados. Antigamente a gente só via refugiado Venezuelano, Cubano, Argentino e agora estamos lotados de brasileiros [os refugiados econômicos]. E parece que o Brasil está indo pro mesmo caminho. Isso dói sabe? É triste!

O termo “expatriado”, utilizado por muitos brasileiros ouvidos nas nossas pesquisas (MAGALHÃES, 2011), revela uma tentativa de diferenciação em relação aos conterrâneos de outras levas de imigração para o Sul da Flórida ou com origem social menos privilegiada e, ao mesmo tempo, denota uma rejeição da nossa condição de país de emigrantes. Cabe esclarecermos que, em seu sentido estrito - o termo “expropriado” define pessoas que vivem voluntaria ou involuntariamente fora do país - todos os brasileiros no exterior seriam expatriados. O que chama a atenção nas entrevistas recentes feitas por Valéria Magalhães¹⁷, porém, é que o uso dessa palavra na comunidade brasileira no Sul da Flórida é recente e tem um significado simbólico que define diferenças internas¹⁸.

Nas 40 entrevistas de história oral temática realizadas por Magalhães (2011) em sua primeira etapa de pesquisa, entre 2002 e 2004, esse termo nunca havia sido usado pelos entrevistados e, menos ainda, durante o extenso trabalho de observação participante realizado pela autora no referido período. Foi em seu trabalho de campo mais recente, feito a partir de 2013, que a palavra começou a aparecer. Os próprios entrevistados costumam dizer que os “expatriados” são pessoas que foram para a Flórida para abrir empresas ou que foram transferidos a trabalho ou que estão fugindo da economia ruim do país.

Esse novo panorama migratório brasileiro no Sul da Flórida revela uma complexidade cuja compreensão precisaria ir além dos aspectos macroeconômicos, sugerindo a necessidade de uma variedade de dimensões explicativas para a imigração. Fatores como a dualidade do mercado de trabalho mundial e o transnacionalismo têm sido a chave para a compreensão do fenômeno. Ainda que essas interpretações sejam mais do que pertinentes, devem sempre ser combinadas com outros fatores explicativos (MAGALHÃES, 2011), tais como a subjetividade e as questões de gênero, a orientação sexual ou a origem regional e de classe. Poucas vezes nos deparamos com análises que levem em consideração toda a complexidade desses fenômenos, como bem nos alertaria Sayad (1999).

O entendimento das dimensões complexas das migrações como um fato social total (SAYAD, 1999) requer tanto um escopo teórico e conceitual de diversas disciplinas das ciências humanas, como métodos que nos auxiliem a refletir sobre as peculiaridades de diversas experiências migratórias – que são marcadas tanto pelas características do país de origem como da localidade que recebe tais fluxos. Com isso, neste texto, advogamos a necessidade de elegermos métodos refinados de compreensão do fenômeno, bem como um olhar sensível para a profunda diversidade dos migrantes¹⁹. Esta heterogeneidade está presente não só entre comunidades de nacionalidades distintas, mas também internamente aos próprios grupos nacionais.

Em obra recente sobre brasileiros em Massachusetts, Martes (2011) apontou para a possibilidade da imigração brasileira para o exterior não ser homogênea. Para ela, por outro lado, mesmo havendo certa diversidade interna, a comunidade brasileira em Massachusetts seria ainda caracterizada por certa homogeneidade, tendo em vista uma bagagem e memória cultural comuns. O caso do Sul da Flórida se mostra diferente do de Massachusetts e tem revelado justamente a diversidade da condição brasileira nos Estados Unidos.

Gênero e Imigração

Assumindo a heterogeneidade brasileira nos Estados Unidos, recorreremos, neste artigo, a alguns relatos de mulheres brasileiras fixadas no Sul da Flórida²⁰, nos Estados Unidos, para refletirmos sobre aspectos da nossa diversidade no exterior. Isto, de antemão, nos sugere algumas questões, por exemplo: como a

temática de gênero se apresentaria no dia a dia das comunidades migrantes e como isto marcaria a trajetória dessas mulheres? Além disso, caberia refletirmos também sobre os papéis que as características locais/territoriais assumem na interação direta com tais trajetórias sociais femininas. Evitaremos homogeneizar as experiências migratórias de brasileiras nos Estados Unidos, pois isto esconderia elementos importantes para a compreensão da riqueza de nossa diáspora no exterior.

Entendemos que a fala do migrante, captada através de instrumentos apropriados da história oral, poderia destacar as especificidades de gênero e favorecer a tarefa analítica dos estudos migratórios de lançar luz sobre esses processos. Trabalhos com histórias de imigrantes têm mostrando que elas nos levam a entender certos aspectos das migrações, como por exemplo, a interação social com a sociedade nativa, os transcurso de remodelagem identitária de mulheres (sempre marcantes nestes contextos), ou ainda as relações sociais que se mantêm ou que se constroem em novas bases. Aliás, em artigo recente, Magalhães e Santhiago (2015) enfatizaram a importância que a história oral tem tido para as pesquisas em imigração no Brasil. Alistair Thomson (2002) procedeu à tarefa semelhante, mostrando a relevância deste método para o tema, na Grã-Bretanha e na Austrália.

Histórias de vida de homens e de mulheres brasileiros no Sul da Flórida revelam uma imigração que nada tem de homogênea. Situações específicas reforçam a heterogeneidade, tais como os LGBT que imigraram por uma aventura ou para juntarem dinheiro, mas que, ao se depararem com a possibilidade de viverem livremente sua sexualidade, passaram a ver outro sentido na experiência do exterior. Nos Estados Unidos, são comuns as trajetórias de LGBT²¹, que saíram do Brasil para escapar do preconceito vindo de suas famílias ou de seu grupo social. Também são reveladores os casos de mulheres que decidiram dançar como *gogo girls* e que acabaram por fazer programas para sustentar os filhos no Brasil. E há também as mulheres que abandonaram seus projetos profissionais no Brasil em benefício do sucesso da carreira do marido no exterior, formando um grupo significativo no Sul da Flórida.

Gênero e sexualidade têm sido pouco abordados nos estudos de brasileiros nos Estados Unidos²². Entretanto, homens, mulheres, LGBT e heterossexuais vivenciam de forma diversa a experiência migratória. Entrevistas realizadas por Magalhães (2011), em sua tese de doutorado e, mais recentemente, em seu projeto de pesquisa no Sul da Flórida²³, revelaram uma incrível heterogeneidade de experiências de gênero entre brasileiros no exterior: mulheres frustradas com a mudança de país (por terem feito uma escolha em favor da família e em detrimento de seus projetos pessoais) e homens com dificuldade nos relacionamentos amorosos (porque se depararam com mulheres mais independentes daquelas que estavam acostumados no Brasil). Esposas que dependiam dos empregos dos maridos passaram a ganhar melhor do que eles, revertendo os tradicionais papéis de gênero brasileiros. Como vimos acima, nos últimos dois anos, desde 2013, vê-se a organização de grupos de apoio de mulheres brasileiras na Flórida

compostos de pessoas com origem de classe média e média alta e descontentes com o Governo Dilma. Principalmente em Miami, elas promovem atividades de apoio às mães e fazem encontros sociais. São mulheres que, em sua maioria, não estão trabalhando nos Estados Unidos e que, no exterior, são responsáveis pelos cuidados familiares.

No caso dos homens, são frequentes as narrativas que valorizam a experiência fora do Brasil pela “formação enquanto homem”, mais do que pelos ganhos puramente materiais, como revelou a fala de Homero²⁴:

Com 36 anos, um terço da minha vida eu vivi nos Estados Unidos. Foi a minha formação de adolescente para adulto, entre meus 22 e 35 anos. Esses 22 anos, pô! Estou praticamente saindo da minha adolescência e vivi, vamos dizer assim, a minha formação como homem nos Estados Unidos.

Além das especificidades de gênero, a sexualidade não pode ser esquecida quando se pensa sobre diversidade brasileira no exterior. A busca pela reinvenção do “eu” longe dos olhos dos conterrâneos leva muitos LGBT do Brasil a optarem por deixar o país. Tais situações os unem e definem também um traço identitário importante entre os brasileiros no Sul da Flórida, mas que é paradoxalmente diverso em sua constituição²⁵.

No Sul da Flórida, histórias de brasileiros que não se encaixam nas definições heteronormativas confirmam que a imigração é sempre um fenômeno multicausal. Elas reforçam a necessidade de se prestar atenção ao binômio imigração e sexualidade. As perspectivas de gênero e de orientação sexual na imigração também precisam ser analisadas em suas intersecções com outras variáveis que fazem parte da identidade brasileira em Miami-Dade, Broward e Boca Raton, tais como a origem de classe no Brasil, a posse de documentos, a origem regional, a identificação racial, a geração etc²⁶. Isto porque, na complexidade de situações migratórias e identitárias que caracterizam esse grupo migratório, ser mulher ou homem ou definir-se como heterossexual ou não, não implica necessariamente uma identidade comum a outros brasileiros do mesmo gênero ou orientação sexual semelhante. Em certas conjunturas específicas na Flórida, ter *Greencard*, por exemplo, ou falar inglês, pode unir mais os brasileiros do que a orientação sexual ou a condição de gênero. Por outro lado, em outra conjuntura, o arranjo identitário poderá se apresentar segundo outros critérios.

A imigração comporta vivências subjetivas complexas e infinitamente diversas, de modo que as trajetórias individuais no Sul da Flórida necessariamente combinarão dimensões migratórias variadas e suas intersecções. Uma mulher brasileira pode ter imigrado por achar que não teria melhores perspectivas de ganhos financeiros no Brasil, mas, ao mesmo tempo, ter buscado escapar de uma situação familiar ruim ou de violência. Isto não quer dizer que, por ser mulher, ela se identificará com todas as mulheres brasileiras da Flórida ou dos Estados Unidos.

Histórias de vida e inserção em comunidades específicas separam grupos que aparentemente são uniformes. No Sul da Flórida, mulheres de empresários tendem a não se reconhecer como iguais às mulheres trabalhadoras braçais que são suas conterrâneas. Há, é claro, momentos específicos em que todos os imigrantes se reconhecem como “brasileiros”, especialmente nas comemorações de Sete de Setembro e em jogos de Copa do Mundo, mas não passam de situações em que a identidade nacional se sobrepõe às outras identidades, estas últimas definidoras de outras divisões transportadas do Brasil, como a identidade de classe (MAGALHÃES, 2011).

No Sul da Flórida, essas divisões identitárias são fortes o suficiente para que não haja convivência, ou sequer reconhecimento de pertencimento, entre pessoas inseridas nos diferentes e complexos grupos de brasileiros. Margolis (2008) analisa com espanto essa dinâmica da identidade brasileira no exterior e também a manipulação que dela fazem os nossos imigrantes para se contraporem às classificações dos americanos:

O brasileiro é bifocal, uma postura que permite que ele e outros transnacionais vejam seu mundo através de lentes diferentes e adotem diferentes identidades simultaneamente (Rouse, 1991). Dependendo do ponto de referência, tal postura bifocal embaralha os relacionamentos entre identidades locais, regionais e nacionais. A origem regional é muitas vezes um marcador social importante no Brasil, mas nos Estados Unidos, onde a maioria dos americanos não sabe nada sobre a geografia do Brasil, ser mineiro, paulista, carioca ou cearense tem pouca importância. Ao lidar com os estrangeiros, as identidades locais e regionais brasileiras são submersas e têm pouca importância, mesmo que continuem sendo relevantes dentro da comunidade imigrante brasileira. No contexto americano, o indivíduo sofisticado do Rio de Janeiro, por exemplo, está ansioso para se distinguir do brasileiro de uma cidade como Governador Valadares, que ele considera um caipira sem educação. Mas a identidade local e regional perde seu peso relativo quando o “outro” é um estrangeiro, um americano. Mesmo assim, essas identidades continuam a ser importantes na organização da experiência migratória, na qual pessoas da mesma cidade podem se unir para promover ajuda mútua (Ribeiro, 1997). A identidade, novamente, depende do contexto; varia dependendo da pessoa com quem se está lidando – um brasileiro da mesma cidade, outro brasileiro ou um americano. (MARGOLIS, 2008, p. 296).

Tais manipulações identitárias têm efeito na forma como os brasileiros se relacionam no Sul da Flórida e seus reflexos atingem as relações de gênero. Por isso, muitas mulheres brasileiras nos Estados Unidos repensam sua identidade e seus papéis sociais quando em convívio com uma sociedade que lida com eles de maneira diferente do que é tradicionalmente esperado no Brasil, chegando a modificar seus projetos subjetivos de vida. Foi o caso da entrevistada Solange que tinha um casamento estável no Brasil. Ao se mudar para a Flórida com a família e ao começar a trabalhar fora e a ganhar seu próprio dinheiro, passou a questionar sua relação com o marido e a pensar no divórcio.

Devido à precariedade dos dados, não sabemos qual a proporção de mulheres brasileiras que vivem no Sul da Flórida, mas sua presença é significativa: são mães que garantem a adaptação dos filhos, trabalhadoras braçais que ganham mais do que seus maridos, dançarinas procurando melhorar de vida (algumas se envolvem na prostituição), esposas e namoradas que seguem os projetos daqueles que amam, lésbicas que encontram nos Estados Unidos um ambiente menos hostil à sua sexualidade, todas compartilhando o traço identitário de ser mulher imigrante (mas internamente dividido em inúmeras outras identidades que podem ser acionadas conforme forem pertinentes).

Confrontadas com outra cultura, é inevitável o questionamento do papel da mulher no Brasil: seriam suas relações com seus parceiros brasileiros mais machistas do que com os americanos? Em sua memória, essas mulheres guardam as lembranças da situação feminina em seu país e repensam seus destinos, pois, de acordo com Espin (Dez/1997. p. 445), ao cruzarem fronteiras, os imigrantes também atravessam barreiras emocionais e de comportamento. Isso acontece quando novas identidades e papéis são incorporados ao dia-a-dia. A autora afirma também que a experiência de cruzar fronteiras toma forma específica no caso das mulheres, permitindo que quebrem barreiras de papéis sexuais.

Tendo tais mudanças em vista, as mulheres passam por processos distintos dos masculinos ao saírem do Brasil, pois se defrontam com situações de gênero diferenciadas daquelas do local de origem. Quando imigram com a família, seu papel familiar é repensado. Se sozinhas, têm de enfrentar situações de preconceito e os estereótipos negativos ligados à mulher brasileira. Para completar, muitas têm de trabalhar em atividades diversas daquelas realizadas no país de origem. Outra situação com a qual precisam lidar são os relacionamentos com homens de outras culturas. Por outro lado, ir para o exterior pode significar a oportunidade de ganhar independência e de se livrar de julgamentos comumente atribuídos às mulheres no Brasil por parte de familiares e da sociedade, como, por exemplo, de que a mulher deveria se adequar a um papel tradicional no casamento.

Ao mesmo tempo, as experiências e trajetórias das mulheres no Sul da Flórida são muito diferenciadas, abarcando desde esposas de empresários até mulheres pobres que imigraram para juntar algum dinheiro. Há solteiras, casadas, pobres, ricas, intelectuais, dançarinas, faxineiras e muitas outras ocupações e situações.

Quando há um projeto de imigração familiar em que a mulher opta por mudar de país em benefício da família e da profissão do marido, ela assume integralmente o papel familiar da mãe. Denise explica essa situação da seguinte forma:

A mulher faz todo o trabalho de adaptação atrás porque os maridos ficam no escritório o dia inteiro e não têm tempo de ver como que o pessoal na terra opera, quais são os novos ritmos de vida, os novos códigos sociais. Quem determina isso é a mulher porque na escola você vai começar a ter contato com outras mães ou no playground do prédio, na piscina etc e tal. Você começa a aprender como funciona o negócio, depois as crianças crescem e entram na escola, aí você vai aprender como as escolas aqui funcionam, é totalmente diferente do Brasil. Aí você transmite isso para o resto da família, é um trabalho extremamente importante.

O papel da mãe como mediadora no processo de adaptação é mais comum para quem imigra com os filhos pequenos. Solange, que mora em Pompano Beach (condado de Broward), sentiu que a ponte entre as duas culturas ficou prejudicada por ela não ter tido a oportunidade de conviver com outras mães, quando os filhos eram crianças:

Ser imigrante e mulher e, no meu caso, mais velha, atrapalha... É muito mais fácil se adaptar se você é jovem com filhos pequenos, acaba tendo um contato com mães, as crianças acabam se relacionando com americanos. Para criança nem pega tanto isso, ela acaba falando a língua rapidinho e se relacionando, aí a mãe tem um entrosamento. No meu caso, com os meus filhos grandes já não tenho. Se tivesse os filhos pequenos, teria me entrosado mais com americanos. Em termos de trabalho, aqui trabalho bastante, todas as coisas que tinha no Brasil, de fazer unha toda semana, já não faço porque não dá. Aqui é até bom por você estar se relacionando e aprendendo a língua.

A escolha pelo papel de mãe, por outro lado, frustrou algumas mulheres que não conseguiram dizer “não” ao projeto familiar imposto pela profissão do marido, como no caso de Sônia, que morou por 17 anos na Flórida por causa da transferência de emprego do marido. Sua relação com os filhos adolescentes foi prejudicada ao se mudarem para Miami, em 1991. Sua opção pela família foi uma decepção, como também para outras mulheres na Flórida. Ela descobriu, aos 50 anos, que o preço do abandono de seus sonhos pessoais havia sido muito alto:

Meu filho ia ficar no Brasil, meu filhote querido, eu ia me separar dele. Minha filha ficou muito aérea, tinha 16 anos, era bem desmioladinha, acho que até gostou porque tinha repetido de ano. Meu marido espalhou para a torcida do Flamengo, sem a confirmação que ia e a gente não teve a confirmação até meados de dezembro. Eu pensava que estava certo e não estava! Ele era da VASP antes de ser privatizada, conhecia muito da empresa. O Canhedo queria abrir internacional, alguém tinha que vir, ficou meio que ia ser ele, mas ele não perguntava. O meu filho falou: “não vou! Entrei na faculdade agora, sou presidente do grêmio, adoro a faculdade...” (...) Muitos castelos caíram. Muita tristeza, eu sou muito sensível, muito emotiva, meus filhos também e a gente sofre.

Essas experiências emocionais e subjetivas do contexto feminino no Sul da Flórida são muito diversas e dificilmente caberiam em um arcabouço teórico estrutural. São questões migratórias que merecem atenção porque explicam como se dão processos de adaptação e de identidade em contexto heterogêneo.

Se algumas mulheres, como no caso de Denise, conseguiram dar outro significado ao seu papel no projeto migratório familiar, outras, como Rosa (que foi viver em Miami por dois anos, enquanto o marido americano fazia o MBA), tinham dificuldade com o papel doméstico. Rosa contou que:

Cheguei lá depois de uma temporada de competições aqui no Brasil muito puxada, achei: “que bom, vou descansar um tempo antes de começar a trabalhar”, mas aí você chega lá e não tem família, não tem amigos e esse descanso em uma semana já é o suficiente para você começar a sentir saudades do Brasil. Aquele glamour, aqueles shoppings, aquela beleza toda já começava a perder a graça, meu marido sempre muito ocupado trabalhando o dia todo, estudando a noite... É muito difícil fazer pós-graduação e trabalhar período integral, então eu basicamente ficava sozinha fazendo aquelas coisas repetitivas: cuidar de casa, assistir TV e não entender nada, as pessoas ligando...

Quando a mulher acompanha um projeto que é do marido, sua adaptação no exterior se complicará se não puder conviver em um ambiente de trabalho ou escolar que a permita conhecer novas pessoas. Rosa gostava de trabalhar no Brasil e por isso o começo da vida em Miami foi penoso. Há ainda os casos das solteiras que foram encontrar um amor ou namorado, a exemplo de Joana e Elisa, entrevistadas em 2003, que também tiveram dificuldades de adaptação na Flórida e acabaram voltando ao Brasil.

Nas novas levas de brasileiros para o Sul da Flórida, repetem-se os casos de mulheres que se mudaram para o exterior para se casar, como aconteceu com Alice, citada anteriormente. Em 2005, ela passou nove meses em Miami a trabalho, quando conheceu o atual marido. Após retornar ao Brasil, manteve o relacionamento à distância até 2011, quando decidiu se mudar definitivamente para a Flórida. Desde então, teve uma filha nos Estados Unidos e também criou uma associação informal de apoio a mulheres brasileiras recém-chegadas.

Essa associação se caracteriza por ser uma rede de troca de informações e de apoio para mulheres que recentemente imigraram com suas famílias, especialmente durante o governo Dilma. De modo geral, destina-se às residentes do condado de Miami-Dade, que viviam em boas condições no Brasil, tendo transportado parte de seu padrão de vida para a Flórida (moram em casas próprias em Miami e, comparativamente aos trabalhadores braçais brasileiros no condado, têm uma vida confortável, ainda que não tenham conseguido carregar certos privilégios sociais do país de origem, como o de contratar empregadas domésticas nos Estados Unidos nos moldes das relações de trabalho brasileiras²⁷).

Do ponto de vista das razões subjetivas que alimentam os movimentos migratórios de mulheres, a relação com os companheiros faz parte do conjunto de motivações que as ajudam a decidir sair do Brasil, como nos casos de Rose e de outras entrevistadas. Imigrar é sempre uma resolução multicausal, como revelam as histórias de imigrantes. São as combinações de fatores macroestruturais com outras dimensões sociais e do próprio sujeito que explicam esses fluxos, seja para as decisões de imigrar, seja para as resoluções de permanecer no exterior. Dessa forma, histórias de pessoas descontentes com certo panorama político ou econômico ou com expectativas de juntar dinheiro no exterior se combinam com motivos pessoais (tais como brigas familiares, amores distantes e fuga de julgamentos sociais negativos) e ainda com as redes de imigração.

No caso das mulheres que imigram solteiras, elas precisam se adaptar aos novos padrões de relacionamento no exterior e necessitam encontrar sozinhas seus próprios meios de sobrevivência. Fran, entrevistada em 2004, imigrou sozinha para Miami para juntar dinheiro. Lá, se casou com um brasileiro e demorou a decidir sair do casamento problemático por medo da solidão. Ela sabia que, após a separação, não teria apoio de ninguém, já que os familiares e amigos moravam no Brasil:

Só que, na época, eu estava sozinha na loucura daquela casa, queria sair de lá, gostei dele e fui me envolvendo e acabou que tudo que eu construía, eu perdia...

Diferentemente de mulheres que orientaram seus planos de imigração pela profissão dos maridos, há solteiras que vão para os Estados Unidos em busca de independência financeira ou pessoal e que precisam se manter por meio de atividades econômicas diversas, como foi o caso de Fran. Os nichos

de trabalho disponíveis para as imigrantes brasileiras no Sul da Flórida são variados e dependem de alguns fatores, tais como o domínio da língua inglesa ou espanhola, a posse ou não de documentos e as redes de apoio que permitem inserções diferenciadas em certos postos. Dentre eles, destacam-se os serviços de limpeza, de beleza e de *baby sitter*. Há também as profissionais liberais, professoras, médicas, escritoras e tradutoras, entre outras atividades.

A dança²⁸ é uma tentação para quem pretende juntar dinheiro rápido. Entrevistadas relataram que a diferença de ganhos entre a dança e as outras atividades pode ser enorme, por isso muitas cedem ao seu apelo financeiro. Ser *gogo girl*, além de proporcionar ganhos materiais, leva algumas brasileiras a viverem em um mundo diverso do de outras mulheres. Em alguns casos, elas acabam por utilizar a atividade como espaço de ascensão social, associado à expectativa de um bom casamento, como foi o caso de Wilma (MAGALHÃES, 2011).

A expectativa de melhorar de vida vem dos ganhos esperados em relação à dança. Para Monalisa, o trabalho como *gogo girl* foi estimulado por amigos brasileiros que ressaltavam as vantagens financeiras da atividade, já que pretendia ganhar dinheiro para ter uma empresa própria. Entretanto, ela esperava que a realidade fosse diferente:

Enfim, os namorados das brasileiras com quem eu morava começaram a me dizer: “se você quiser fazer dinheiro rápido para abrir sua empresa, vai dançar de *gogo girl* como todo mundo, você nunca vai conseguir ganhar isso trabalhando decentemente como uma pessoa *per bene*, como uma secretária. Todas as meninas que fazem dinheiro aqui vão dançar como *gogo girl* porque ninguém pode tocar nelas”. Salientemos que isso não é verdade.

Tanto para Monalisa quanto para Wilma, os proveitos financeiros da dança e dos programas como acompanhante nos Estados Unidos são incomparáveis com aqueles de outras atividades tanto lá quanto no Brasil. Monalisa fez uma avaliação sobre os lucros da prostituição nos Estados Unidos:

No fundo, todo mundo pensa em parar, só que é difícil, é muito dinheiro. Fazendo programas, posso ganhar vinte mil dólares por mês, acho difícil ganhar isso de outro jeito. Um engenheiro no Brasil talvez ganhe depois de ter estudado sete anos, mas acho muito difícil. Só que isso vai me ajudar por cinco anos ou seis anos, não é que daqui a dez anos estarei fazendo este dinheiro. Por isso que precisa ter consciência que isso vem e vai embora rapidinho, precisa aproveitar o máximo, guardar o dinheiro, comprar alguma coisa e depois conseguir um trabalho decente para ir pagando suas contas.

Do mesmo modo que mulheres repensam suas posições nos casamentos brasileiros, essas duas entrevistadas passaram a ver os companheiros brasileiros do sexo oposto sob uma ótica negativa, devido ao contato com os clientes das casas de dança.

Afetividade e sexualidade na imigração

As reclamações sobre os homens brasileiros não se restringiram às narrativas de Wilma e de Monalisa, ambas *gogo girls*. Frequentemente, outras entrevistadas reclamaram do machismo dos conterrâneos porque o contato com outra cultura as fez repensarem as relações de gênero. Tal opinião foi compartilhada por algumas delas, durante a pesquisa. Ana, que desde os nove anos vive em Pompano Beach, diz não gostar de se relacionar com os homens de seu país e compara a situação da mulher nos dois países:

Nunca tive um namorado brasileiro, não acho que aguento. Acho que o homem brasileiro tem que mudar aqui nos Estados Unidos, se eles estão achando que vão namorar com mulher americana ou até brasileira... A brasileira aqui é muito mais importante na economia da casa do que seria no Brasil. A maioria das brasileiras casadas aqui sustenta os maridos porque trabalha muito mais do que se estivessem lá, de faxineira, no chão, limpando. Ele tem que mudar, se acha que vai namorar mulher americana aqui, as coisas que eles fazem no Brasil não rolam, elas são muito mais independentes e querem as coisas do jeito delas. Não é igual ao Brasil, ao que vejo pelas minhas primas namorando ou o casamento das minhas tias.

O julgamento negativo sobre os homens brasileiros é repetido por Monalisa, que os considera retrógrados e machistas:

Eu não namoraria mais um brasileiro depois de ter vivido fora, a menos que ele tivesse mentalidade europeia. Acredito que exista, mas não encontrei nenhum. O brasileiro não dá muito valor à mulher. Não estou falando no trabalho porque não tem essa coisa de homem trabalhar e mulher não, os dois deveriam fazer as mesmas coisas. O brasileiro não valoriza a mulher como tal. Nisso, o Brasil está muito atrasado, acho que os muçulmanos são mais adiantados que eles.

A experiência migratória tem efeito nas percepções sobre as relações entre homens e mulheres. O contato com diferentes relações de gênero faz com que brasileiras revejam o que pensavam sobre os homens de seu país.

As avaliações desfavoráveis quanto aos parceiros latinos ou brasileiros partem de mulheres que consideram ter sofrido com o machismo no Brasil e que acabaram por se deparar com novos padrões de relacionamento ao imigrar. Elas enfatizam o sexismo e a mentalidade atrasada dos conterrâneos, criticando o fato de alguns homens aqui não aceitarem que suas mulheres trabalhem. Ainda que as estatísticas apresentem uma tendência de novos arranjos familiares e do aumento de mulheres nas chefias das famílias, a estrutura familiar imaginada ou vivida por muitas mulheres brasileiras ainda é a patriarcal, pelo menos em algumas classes sociais e regiões do país²⁹. Fato que, sem dúvida, nos leva a pensar sobre uma contradição entre os dados estatísticos, que normalmente refletem macroestruturas, e a realidade sentida e vivida por parte das mulheres brasileiras, apontando claramente que, apesar de ocorrerem mudanças significativas nas famílias, as estruturas patriarcais ainda predominam em seu cotidiano³⁰.

Para algumas mulheres, ir para o Sul da Flórida é uma solução pessoal que engloba estratégias de trabalho como a dança ou as atividades braçais que não seriam cogitadas no Brasil. Ao mesmo tempo, a recusa das relações patriarcais no país de origem também se mostra como motivo para permanência na Flórida. Adicionam-se a essas motivações outras questões privadas. Rever amores ou sair de relações complicadas constituem justificativas importantes para mudar de país. Para Jô³¹, o fim de um casamento frustrado foi a gota d'água para decidir mudar para Pompano Beach:

Eu estava em um stress danado, meu casamento estava acabando. Estou no segundo casamento, aliás, terceiro, mas de papel passado era o segundo. Ele não é o pai dos meus filhos, eu estava realmente muito estressada.

Como Jô, a história de Leda³² confirma que processos subjetivos e pessoais, como fuga de relacionamentos difíceis, orientam escolhas migratórias. Tendo vivido em um casamento abusivo no Brasil, durante 26 anos, Leda decidiu se separar. Foi quando o ex-marido a ameaçou com uma faca. Os filhos já eram adultos e sua empresa no Brasil não estava dando certo. Decidiu então ir para Miami, local que tinha visitado a passeio e do qual havia gostado muito. Uma amiga que morava na Flórida sempre falava das oportunidades de trabalho, apesar de algumas dificuldades. Tendo isto em mente, Leda não teve medo de imigrar porque já tinha perdido muito no Brasil, ela disse que qualquer coisa fora do casamento já seria um ganho. Quando imigrou, o filho foi junto e a filha ficou com o pai.

Foi uma coisa muito traumática [a agressão do ex-marido], terrível e eu sentia na minha cabeça que era me separar pra começar a vida aqui porque eu já estava prevendo que não ia dar certo viver perto dele. (...) Eu vim pra

cá, exatamente porque nesse um ano nós [eu e minha amiga] trocamos as informações, ela me disse de todas as dificuldades que eu poderia enfrentar. Eu me lembro que ela sempre foi muito positiva e me dizia: aqui ainda, eu com as minhas oportunidades, pouco antes já... O governo tinha fechado a possibilidade de tirar o Social Security que antes os brasileiros chegavam e tiravam o Social Security...

Leda conheceu o atual marido, que é americano, quando comprou um carro em Miami e sua bateria falhou, aí ele parou para ajudá-la. Isso foi em 1999. O novo amor foi, entre outros, o motivo que definiu sua permanência nos Estados Unidos.

A entrevista de Leda também revela outro aspecto motivador para as decisões de imigrar que são as redes sociais, isto é, os amigos que dão suporte para o projeto migratório e para a permanência no exterior.

Mulheres que saíram do Brasil para se unirem a amores distantes compõem uma importante variável da imigração feminina. Foi o que aconteceu com Silvia, que começou a namorar, ainda no Brasil, um antigo amor que vivia em Miami. Com quase 50 anos de idade, a artista plástica do Rio de Janeiro decidiu que se mudaria para a Flórida para se casar. O marido, que é do Brasil, está nos Estados Unidos desde o começo da década de 1990 trabalhando em uma multinacional brasileira:

Eu sou do Rio e eu vim porque comecei a namorar um antigo amigo do Brasil, a gente se encontrou. Ele já estava aqui há muitos anos, começamos a namorar, acabei vindo pra cá pra morar com ele.

Outro exemplo é o de Eliana, jornalista entrevistada em 2003, que conheceu o marido durante uma estadia na Flórida. Isto mudou o rumo de seu projeto temporário no exterior.

Os velhos e novos amores motivam pessoas a permanecerem no exterior. Mari contou que saiu do Brasil para aprimorar seu inglês. Sendo da religião mórmon e vivendo temporariamente nos Estados Unidos, conheceu um moço que também era mórmon e com ele se casou. Apesar de ter sofrido no casamento, foi ele que a prendeu na Flórida, pois tendo duas filhas americanas com pai nos Estados Unidos, ela nunca conseguiu retornar ao Brasil, mesmo após a separação.

Ainda no campo das questões subjetivas que movem o processo migratório, são comuns os casos de lésbicas que se sentiam sufocadas no Brasil por não poderem assumir sua sexualidade ou revelar seu interesse por outras mulheres. Daniela³³ começou a perceber que era gay quando estava na faculdade e achou que seria mais fácil lidar com isso estando longe de casa. Foi para os Estados Unidos para “não se revelar”, como ela disse, pois queria se afastar de uma moça

por quem havia se apaixonado. Decidiu então fazer um curso de inglês fora do país. Mesmo tentando fugir desse sentimento, a amiga foi atrás dela nos Estados Unidos e as duas ficaram juntas por doze anos. Daniela afirmou que se soubesse que a família e os amigos reagiriam tão bem ao fato dela ser lésbica, talvez não tivesse ido embora do Brasil.

Fátima está entre as lésbicas que saíram do Brasil por não suportarem o preconceito em seus locais de origem. Nascida em cidade pequena do interior de Minas, ela sofreu toda sorte de discriminações por ter assumido, muito cedo, sua sexualidade:

Saí de casa por isso [ser lésbica] e porque tinha vontade de morar fora para estudar e trabalhar, mas saí numa boa, não obrigada. Minha família me apoiou o tempo todo, a dela não. Eles descobriram tudo e pediram para eu sair da escola, fizeram uma reunião com todos os professores e escreveram uma carta de transferência para me tirar de lá. Eram umas 20 pessoas na reunião, falei que não ia sair e que não era a única homossexual da escola, que tinha mais de 20 e que os boatos que estavam rolando com relação à minha pessoa eram mentira. Falaram que eu estava agarrando as meninas dentro do banheiro, que estava dando maconha para elas, bem coisa de filminho americano. Me puseram como uma cobaia e me humilharam. Na reunião, estavam minha mãe, meu pai e todo mundo em uma mesa redonda. Alguns professores foram a meu favor, veio o padre da diocese não sei de onde para falar comigo, veio psicólogo do Rio de Janeiro, o negócio foi muito sério. Eu assumi: “tenho esse lado e acabou, não vou sair da escola”. Naquele momento, mostrei a personalidade que eu tinha, mudaram as duas de turma e continuei estudando, eu à noite e ela de manhã e, em cinco meses, o pai dela casou ela. Ela queria fugir comigo, mas falei: “nós vamos fugir? Somos duas adolescentes, vamos para onde?” Ela casou forçada, me amando.

O quê que aconteceu? Todo mundo na rua perguntando para mim: “é verdade que você transa mulher? É verdade que você tem pênis?” “Eu tenho, um desse tamanho!” Eu não trabalhava, peguei e arrumei um estágio na Caixa Econômica Federal por um ano e dali comecei a ganhar o respeito das pessoas porque deixaram de me ver como a sapatão para me ver como ser humano, como pessoa, como profissional. Terminou o estágio, cheguei na minha família e falei para eles que ia embora. Fui para Brasília e meu pai: “vai para Brasília porque lá posso te ajudar, tenho amigos que podem te arrumar trabalho”.

Eu fui sozinha, eu e Deus. Tenho um irmão que tinha um caminhão e me deixou lá. Fui com ele e nunca mais voltei. Foi isso que aconteceu. Nesse período, eu já pensava muito em vir para o exterior.

Essas subjetividades femininas são marcadas por histórias de rejeição e de violência. Nessa seara, as histórias revelaram sentimentos de medo e de frustração que só puderam ser amenizados no exterior. Aos olhos de muitas mulheres, o outro país se apresentou como um caminho para a cura das dores do passado. Para Leda, Miami representava a superação de uma condição difícil no Brasil e qualquer coisa que viesse seria melhor do que a vida que tinha com o ex-marido:

Olha, Valéria, acontece o seguinte: eu não fiquei com medo de vir porque além de tudo eu achei que eu já tinha perdido tanto no Brasil que...

Esses exemplos mostram que é grande a diversidade de situações que caracterizam as mulheres brasileiras no Sul da Flórida. O mérito em se abordar essa diversidade pelo viés de gênero não se limita ao fato dessas pessoas terem razões específicas para estarem fora do Brasil, mas porque suas histórias de vida compõem subjetividades marcadas por traços da coletividade e porque caracterizam o quadro geral da heterogeneidade de nossa imigração. Histórias de vida são, como diz Daphne Patai, relatos subjetivos que conduzem sentidos específicos e coletivos. Assim, a escuta dessas narrações nos permite “entender as restrições culturais e os caminhos que fornecem estrutura e direção para a vida de mulheres” (PATAI, 1988. p. 2).

As comunidades dos LGBT e das mulheres brasileiras são fundamentais para a compreensão da diversidade que singularmente caracteriza nossa imigração para o Sul da Flórida e revelam situações subjetivas que têm como mote o dilema entre cumprir papéis sociais esperados no Brasil ou buscar uma “segunda chance”³⁴ no exterior.

Considerações finais

Este artigo sugere algumas considerações finais: a primeira delas é que os estudos migratórios precisarão, em suas próximas etapas, estar sensibilizados para novos temas que não se enquadrem nos padrões dos estudos macroestruturais. Outra observação é que abordagens e metodologias flexíveis, tais como os relatos sobre vivências femininas e LGBT na imigração, são relevantes para uma compreensão abrangente de um fenômeno migratório que é intrinsecamente complexo.

Retomemos, então, o início deste texto. As trajetórias aqui descritas pelos relatos de brasileiras no Sul da Flórida demonstram o quão diversas podem ser as experiências migratórias, tornando sua completa aceção algo relativamente complexo. Sayad (1999) já nos havia alertado de que todo fato social total seria formado por um feixe de relações entre fenômenos das mais diversas origens, misturando trajetórias individuais e coletivas que estão interligadas a contextos diversos (se levarmos ao limite esse raciocínio, teríamos que buscar o entendimento das especificidades de cada lugar de origem dos migrantes, para além da macro divisão do Estado Nacional).

Salientamos que os estudos migratórios atuais devem estar atentos para a diversidade e devem tentar fugir de generalizações. Isto é particularmente preocupante se pensarmos na produção acadêmica como o início para possíveis intervenções, via Estado Nacional, que garantam e protejam os direitos de populações que vivem fora de seus lugares de origem.

E, por último, vale ressaltar mais uma vez que o movimento de brasileiros para o exterior não pode ser compreendido por um viés único e nem por teorias generalizantes, trata-se de um fenômeno heterogêneo e multicausal, cujas análises pedem a combinação de temas, enfoques e variáveis. É o que nos têm mostrado as histórias e os rostos de mulheres brasileiras no Sul da Flórida.

Notas

¹ As pesquisas às quais nos referimos são: Projeto *O Brasil no Sul da Flórida: diversidade e memória*. Pesquisadora responsável: Valéria B. Magalhães. Financiamento: CNPq. Vigência: out/2013 a /out2016. Ver também Magalhães (2006 e 2011). O livro de 2011 foi resultado da pesquisa de doutorado, de 2006.

² Foram os casos, por exemplo, dos estudos de Neide Patarra (1995); de Teresa Sales (1999), de Bela Feldman Bianco (1992) e de Helena Hirata (1994).

³ A bibliografia sobre a relação entre migrantes internacionais e formação da sociedade industrial brasileira é bastante extensa, portanto, para fins deste texto, é relevante citar alguns textos consagrados, mas sem deixar de alertar que a produção bibliográfica é bastante farta. Com isso, destacamos PRADO JUNIOR (2006), FURTADO (2007), DEAN (1971), CANO (1977) e MARAM (1979) entre outros.

⁴ Nunca é demais lembrar que somente no Censo Demográfico de 1970, a sociedade brasileira, pela primeira vez, verá a população urbana ser mais numerosa que a população rural. No censo de 1960, os dados foram: 44,67% para a população urbana e 55,33% para os residentes no campo, enquanto em 1970 os números foram respectivamente: 55,92% e 44,08%. (*Estatísticas Históricas do Brasil : séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988*. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. 2ª Ed. rev. e atual. v.3, Séries Estatísticas Retrospectivas. Rio de Janeiro : IBGE, 1990. Disponível em: <http://migre.me/ttLym>).

⁵ É extensa a bibliografia que se utiliza desta visão do Brasil “naturalmente” receptivo aos migrantes internacionais. Para um esplêndido balanço dessa produção bibliográfica, ver FAUSTO (1991).

⁶ Abaixo, citamos dois excertos tirados de textos produzidos por gestores públicos. O primeiro é da Diretora do Departamento Consular e de Brasileiros no Exterior. (Ministério das Relações Exteriores. Subsecretaria Geral das Comunidades Brasileiras no Exterior):

Nessas condições, era normal prever-se que as grandes levas de imigrantes brasileiros partindo em direção aos EUA e Europa nos anos 1980 e 1990 seriam um fenômeno temporário. Em meados da década de 2000, modificaram-se de forma sensível as condições econômicas no Brasil e naqueles países, motivadoras da emigração, levando a uma redução sensível do fluxo emigratório e início de um movimento de re-emigração para terceiros países e retorno ao Brasil. (*apud* SILVA, dez/2013)

O segundo, da Secretária da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo e Procuradora de Justiça, no qual vemos claramente esta visão:

De tempos em tempos, brasileiros incorporam sotaques e costumes estrangeiros. Somos um vasto país acolhedor. Basta olhar em volta. Está em cartaz, mais uma vez, a aventura do turco Nacib, seduzido pelos encantos de Gabriela no romance de Jorge Amado. Os jovens dos anos 70 foram cativados pelos dramas de Nino, italianinho que reinava na TV Tupi. A tradição de aceitação do estrangeiro, arraigada até mesmo nas novelas, faz pensar que em breve possam surgir na telinha as desventuras de algum Mohammed. O nome, comum entre os sírios, começa a ser ouvido com mais frequência desde que aquele país mergulhou em uma crise de incalculáveis proporções. (*apud* ARRUDA, Eloisa, 20/ago/2012)

⁷ A esse respeito, notamos, em nossas pesquisas, que os consulados brasileiros no exterior não dispõem de estatísticas confiáveis sobre brasileiros no exterior, de modo a apresentarem dados subestimados sobre a realidade de nossa imigração. Um exemplo curioso: nas pesquisas de Magalhães no Sul da Flórida, citadas anteriormente, foram feitas entrevistas com agentes consulares daquela jurisdição. Em todas elas, desde 2002 até 2015, a estimativa sobre brasileiros na Flórida permaneceu a mesma (por 13 anos): 250 mil. Em todos os momentos, foi afirmado por eles que o Consulado Brasileiro em Miami não possuía tais estatísticas (mas apenas estimativas informais) e que talvez instituições da própria comunidade as teriam, tais como o Banco do Brasil. Em contato com tais instituições, os dados também não foram encontrados.

⁸ E, nos Estados Unidos, em 1994, foi lançado o clássico livro de Maxine Margolis: *The Little Brazil: an ethnography of Brazilian Immigrants in New York City*.

⁹ A respeito do conceito de etnicidade no Brasil, consultar o texto de Jeffrey Lesser (2015), “Prefácio à edição brasileira de A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração”.

¹⁰ A esse respeito, são relevantes, entre outras, as contribuições de Assis (2011) e Piscitelli (ASSIS, OLIVAR E PISCITELLI, 2011). Recentemente, podemos citar o texto de Andrade (jul. dez/2015), entre outros.

¹¹ Para um balanço da produção acadêmica em Estudos Migratórios a leitura do trabalho de Vilela & Lopes (2011) é imprescindível.

¹² Um exemplo disso é o trabalho de Jan Brzozowski (2012), no qual encontramos um balanço da bibliografia que trata os fenômenos migratórios quase que exclusivamente através do viés econômico.

¹³ Esse fenômeno foi fartamente explorado pela mídia. Dois exemplos, entre outros levantados no projeto, são as seguintes notícias: Fellet (27/ago2015) e Campello (19/jul/2015). No projeto, foram selecionadas 50 matérias de mídia com o mesmo conteúdo. Sua análise será apresentada em outro artigo, em momento oportuno.

¹⁴ Neste artigo, optamos por manter o anonimato dos entrevistados. Todos os seus respectivos nomes foram trocados. Denise está em Miami desde 1984. Mudou-se por causa dos negócios do marido e é de família de banqueiros no Brasil. Ela coordena uma associação cultural brasileira em Miami e foi entrevistada em 2002 e em 2014, por Valéria Magalhães.

¹⁵ Ver, por exemplo, matéria de Ordonez (26/nov/2014).

¹⁶ Alice é filha de pequenos empresários da cidade de Campinas, tendo tido uma vida confortável no Brasil. Foi para Miami temporariamente a trabalho e conheceu o atual marido, que é médico na Flórida, tendo decidido lá permanecer.

¹⁷ No projeto já citado, com vigência entre 2013 e 2016.

¹⁸ Para uma melhor compreensão das diferenças internas na comunidade brasileira no Sul da Flórida, ver Magalhães (2001) e Resende (2009). Trata-se de um contexto complexo de identidades que se interpenetram e se excluem, conforme pertencimento a certas variáveis (origem regional, local de moradia na Flórida, leva de imigração e outras).

¹⁹ Inclusive, isto pressuporia levarmos em conta a pertinência (parcial ou não) de certas abordagens sendo aplicadas a cada caso, pois nenhuma teoria se aplicaria perfeitamente a todos os casos. Partimos aqui de uma postura metodológica que pretende que os dados deem a conformação à teoria, e não o contrário. Portes (winter/1997) faz uma discussão nesse sentido, em texto a respeito dos argumentos a favor ou contra o conceito de assimilação.

²⁰ Todos colhidos por Valéria Magalhães, durante os projetos de pesquisa citados anteriormente.

²¹ Para uma melhor compreensão do tema da imigração *Queer*, ver, por exemplo: Miskolci (jun/2009); Buttler (2011), Manalansan (feb/2006).

²² A esse respeito, são significativos os estudos de Assis e Piscitelli (ASSIS, OLIVAR e PISCITELLI, 2011; Assis, 2011) em relação às questões de sexualidade e gênero entre brasileiros no exterior. No contexto internacional, há outros trabalhos sobre imigração, gênero e sexualidade, a exemplo de Manalansan (feb/2006).

²³ Projeto *O Brasil no Sul da Flórida: diversidade e memória*. Financiamento: CNPq. Vigência: 2013 a 2016 e Magalhães (2011).

²⁴ Entrevistado por Valéria Magalhães, em 2002. Homero viveu 15 anos na Flórida, tendo origem de classe média no Brasil.

²⁵ O tema dos LGBT brasileiros no Sul da Flórida será melhor explorado em artigo a ser por nós publicado, em breve.

²⁶ A esse respeito, ver Magalhães (2011) sobre a história da imigração brasileira no Sul da Flórida. Há uma relação entre leva de migração de brasileiros para a região e os arranjos identitários internos a este grupo. Outros trabalhos também reforçam a complexidade da identidade migrante, como, por exemplo, como os textos do livro de Glick-Schiller, N., Basch, L. e Szanton, B. (1992); Lesser (2015) e Castro (jan.jun/2005).

²⁷ A esse respeito, são inúmeras as notícias veiculadas na mídia, nos últimos cinco anos. Um exemplo, dentre vários outros catalogados em recente pesquisa da coautora do presente artigo é o artigo de Delboni (15/abr/2016).

²⁸ No caso, dançar como *gogo girl* quase sempre envolve atividades extras na prostituição.

²⁹ Segundo o Sistema Nacional de Informação de Gênero (<http://www.spm.gov.br/arquivos-diversos/nucleo/publicacoes/snig>), que compilou dados censitários a partir de questões de gênero, no Censo 2000, 22,2% das famílias brasileiras tem mulheres como responsáveis pela família, já no Censo 2010, este número passa a ser de 37.3% das famílias brasileiras.

³⁰ Deve-se levar em conta também que, no Brasil, a situação da mulher pode variar conforme a classe, região, geração e outros fatores.

³¹ Entrevistada em 2004. Ela tem formação em jornalismo.

³² Entrevistada em 2015. Leda tinha uma vida financeira confortável no Brasil e escolaridade superior. Tinha uma pequena empresa, antes de imigrar.

³³ Entrevistada em 2015. Daniela é recifense, de família de pequenos comerciantes.

³⁴ Sobre a ideia da imigração como segunda chance, ver Meihy (2004).

Referências

ANDRADE, V. Migrações internas e internacionais motivadas por orientação sexual e identidade de gênero. *Revista Travessia*. Publicação do CEM. Ano XXVIII, n. 77. Jul.dez/2016. p 29-48.

ASSIS, G. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros*. Florianópolis: Mulheres, 2011. 348p.

_____; OLIVAR, J.; PISCITELLI, A. *Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Unicamp/Pagu, 2011.

_____; SASAKI, E. Novos Migrantes do e para o Brasil. Um balanço da produção bibliográfica. In: *Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas* Brasília: CNPD. 2001, p. 615-669.

ARRUDA, E. S. Os sírios estão chegando. *Folha de São Paulo*. Caderno Opinião, 20/ago/2012. Disponível em: <http://migre.me/tAu23>

BRZOWSKI, J. Migração internacional e desenvolvimento econômico. *Estudos Avançados*, 26(75). p 137-156. jan/2012.

BUTTLER, J. Remarks on "Queer Bounds". *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies* 17(2-3). p. 381-387. 2011.

CANO, W. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. São Paulo: Difel, 1977

CASTRO, M. Estranhamentos e identidades Direitos humanos, cidadania e o sujeito migrante: Representações em textos diversos. *Revista Brasileira de Estudos da População*. São Paulo. v. 22, n. 1, p. 5-28, jan.jun./2005.

CAMPELLO, V. Crise econômica eleva em 67% mudança de brasileiros para o exterior. *Portal Miami e Flórida*. 18/jul/2015.

Disponível em: <http://www.miamiflorida.com.br/crise-economica-eleva-em-67-mudanca-de-brasileiros-para-o-exterior>
Acesso em 22/set/2015.

- DEAN, W. *A industrialização de São Paulo: 1880-1945*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro/EDUSP, 1971.
- DELBONI, C. Em Miami, vive-se como brasileiro. *Estadão*. Caderno Geral. 15/abr/2016.
Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,em-miami-vive-se-como-brasileiro,10000026127>
Acesso em: 22/set/2016.
- ESPIN, M. The Role of Gender and Emotion in Women's Experience of Migration. *Innovation: The European Journal of Sciences*. Vol. 10, issue 4, Dez/1997.
- FELLET, J. Troquei luxo por segurança: a vida da elite brasileira na Flórida. *Portal G1*. Caderno Economia. 27/ago/2015.
Disponível em: http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/08/troquei-luxo-por-seguranca-a-vida-da-elite-brasileira-na-florida.html?utm_source=facebook&utm_medium=share-bar-desktop&utm_campaign=share-bar Acesso em 22/set/2016.
- FAUSTO, B. *Historiografia da Imigração para São Paulo*. São Paulo: Fapesp/Editora Sumaré, 1991.
- FELDMAN-BIANCO, B. Saudade, imigração e a construção de uma nação (portuguesa) desterritorializada. *Revista brasileira de estudos populacionais*. ABEP, Vol. 9, n. 1, jan. jul/1992.
- _____. Multiple layers of time and space: the construction of class, ethnicity and nationalism among portuguese immigrants. In: *Towards a Transnational Perspective on Migration*. Annals of the New York Academy of Sciences, vol. 645, New York: The New York Academy of Sciences, jul/1992.
- FURTADO, C. *Formação Econômica do Brasil*. 34ª. ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007.
- GLICK-SCHILLER, N.; BASCH, L. e SZANTON, B. (Eds.). *Towards a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity and nationalism reconsidered*. New York: Academy of Sciences, 1992.
- HIRATA, H. Socialisation familiale, éducation scolaire et formation en entreprise. Comparaison France-Brésil-Japon. *Revue Internationale d'Éducation Sèvres*, v. 1. p. 47-56. 1994.
- _____; ZARIFIAN, P. Força e fragilidade do modelo japonês. *Estudos Avançados*, 5(12). p 173-185. 1991.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. *Estatísticas Históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1550 a 1988*. 2ª Ed. rev. e atual. v.3. Séries Estatísticas Retrospectivas. Rio de Janeiro : IBGE, 1990.
Disponível em <http://migre.me/ttLym>
- LESSER, J. *A Invenção da Brasilidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2015. 296 p.
- MAGALHÃES, V. B. Projeto: *O Brasil no Sul da Flórida: diversidade e memória*. Financiamento: CNPq. Vigência: 2013 a 2016.
- _____. *O Brasil no Sul da Flórida: subjetividade, identidade e memória*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. 271p .
- _____. *O Brasil no Sul da Flórida: subjetividade, identidade e memória*. São Paulo: FFLCH/USP, 2006. (Tese de Doutorado).

- _____; SANTHAGO, R. Japoneses, brasileiros e judeus: A história oral nos estudos de imigração no Brasil. *Tempos Históricos*. EDUNIOESTE, v. 19, n. 1. p. 481-510. 1º sem/2015. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/11804> Acesso em: 11/abr/2016.
- MANALANSAN IV, M. F. Queer Intersections: Sexuality and Gender in Migration Studies. *Special issue of International Migration Review: Gender and Migration Revisited*. Vol. 40 Issue 1. p. 224 – 249. Feb/2006.
- MARAM, S. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro: 1890-1920*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1979.
- MARGOLIS, M. L. Brasileiros no estrangeiro: a etnicidade, a auto-identidade e o "outro". *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 51, n. 1. p. 283-299. jan. 2008. ISSN 1678-9857. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27309/29081>>. Acesso em: 22 apr. 2016.
- _____. *Little Brazil: Imigrantes brasileiros em Nova York*. Campinas: Papyrus. 1994. 452 p.
- MARTES, A. C. B. *New immigrants, new land: a study of Brazilians in Massachusetts*. Tranlated by Beth Ransdell Vinkler, foreword by Maxine Margolis. Gainesville: University Press of Florida, 2011. 302 p.
- MEIHY, J. C. S. B. *Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*. Porto Alegre. n. 21, p. 150-182, Jun/2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222009000100008> Acesso em 22/set/2016.
- ORDONES, A. Visto de investidor é o mais requisitado por brasileiros no Consulado Americano. *Portal Infomoney*. 26/nov/2015. Disponível em: <http://www.infomoney.com.br/onde-investir/acoes/noticia/3704215/visto-investidor-mais-requisitado-por-brasileiros-consulado-americano> Acesso em 22/set/2015.
- PATAI, D. *Brazilian Women Speak: Contemporary Life History*. New Brunswick and London: Rutgers Univ. Press, 1988.
- PATARRA, N. L. *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. 2ª ed. São Paulo: FENUAP, 1995.
- _____; BAENINGER, R. Migrações internacionais recentes: o caso do Brasil. In:
- PATARRA, Neide L. *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. 2ª ed. São Paulo: FENUAP, 1995.
- PORTES, A. Immigration Theory for a New Century: Some Problems and Opportunities. *The International Migration Review*. 31(4). p. 799–825. winter/1997. Disponível em: <http://doi.org/10.2307/2547415> Acesso em: 25/abr/16.
- PRADO JUNIOR, C. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- RESENDE, R. *Tropical Brazucas: Brazilians in South Florida and the Imaginary of National Identity*. PhD Dissertation, University of Florida, 2009.

- SALES, T. *Brasileiros Longe de Casa*. São Paulo: Cortez, 1999a.
- _____ ; REIS, R. (org.). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999b.
- SAYAD, A. *A imigração*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- SEYFERTH, G. *Nacionalismo e Identidade Étnica*: Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.
- SEYFERTH, G. A Identidade Teuto-Brasileira numa Perspectiva Histórica. In: MAUCH, C. & VASCONCELLOS, N. (org.). *Os Alemães no Sul do Brasil*. Canoas: Editora da ULBRA, 1994.
- SEYFERTH, G. Os Imigrantes e a Campanha de Nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro : Editora FGV, 1999.
- SEYFERTH, G. Assimilação dos Imigrantes no Brasil: Inconstâncias de um Conceito Problemático. *Travessia: Revista do Migrante*, v. 36. p. 45-50. 2000.
- SILVA, L. L. Políticas de apoio aos imigrantes retornados: iniciativas da área consular do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. *REMHU: Rev. Interdiscip. Mobil. Hum. Brasília*, v. 21, n. 41. p. 295-304. Dez/2013.
Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198085852013000200016&lng=pt&nrm=iso
Acesso em 25/abr/ 2016.
- THOMSON, A. Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração. *Revista Brasileira de História*. V. 22, n. 44. 2002.
- VILELA, E. M. & LOPES, L. B. F. Balanço da Produção Acadêmica sobre Migração Internacional no Brasil. In: *BIB*. São Paulo, nº 72. p. 55-88. 2º sem./2011.

RESUMO

Este artigo busca chamar a atenção para a heterogeneidade que caracteriza a diáspora brasileira para o exterior. Parte-se da constatação de que os estudos migratórios brasileiros tendem tradicionalmente a não perceber a diversidade e as várias dimensões do fenômeno migratório como partes constitutivas de nossa presença nos quatro cantos do mundo. O artigo toma como exemplo as mulheres brasileiras no Sul da Flórida e está baseado em intensa pesquisa de campo realizada entre 2002 e 2015, assentada em fontes diversas e em métodos qualitativos combinados. Buscou-se mostrar que as experiências migratórias de mulheres indicam que vivências subjetivas dificilmente podem ser generalizadas, mas que constituem e explicam quadros coletivos mais amplos. Este fato complica qualquer expectativa de interpretações estruturais únicas para as migrações.

Palavras-chave: Migrações Internacionais Recentes, brasileiros no Sul da Flórida, mulheres brasileiras no exterior.

ABSTRACT

This article seeks to argue that the Brazilian diaspora is characterized by the heterogeneity. We assume that the Brazilian Immigration Studies traditionally tend not to pay attention to the several dimensions of the migration as constituent parts of our diaspora. This article is based on the example of the Brazilian women in South Florida. The research was based on intensive field research conducted between 2002 and 2015, which has combined a number of sources and different qualitative methods. We show that the experiences of immigrant women indicate that subjective context cannot be generalized. At the same time, individual experiences constitute and explain broader collective frameworks. This fact complicates any expectation of unique explanations for migration.

Key words: International Migration, Women in Migration, Brazilians in South Florida.